

A ARTE ENTRE A MEDIDA E A RASURA

A artista plástica paulista Edith Derdyk alinhava criação e passagem do tempo no livro "Linha de Costura"

Quem trabalha com a linha parece aspirar ao infinito.

Parece querer subir ao topo de uma montanha mágica, longe das preocupações mundanas de uma planície qualquer. Um desenho linear anuncia o possível entrecruzamento de espaço e tempo, colocando em jogo as noções de lugar, relativizando as distancias entre o "aqui" e o "agora". Parte-se de um esboço e chega se, quem sabe, aos ricos traços de uma rasura.

A publicação de *Linha de Costura*, de Edith Derdyk, vem nos lembrar que muitos artistas plásticos exercitam outros modos de linguagem - eles escrevem. Os escritos de Edith constituem-se como um instigante ensaio sobre o tempo. Seu trabalho de ateliê está ali evocado, sem descrições cansativas ou ilustrativas. E não, especificamente em sua própria obra que a autora investe seus esforços, mas na obra do tempo, suas implicações filosóficas, as conseqüências formais advindas de sua passagem, as relações do tempo vivido enquanto artista.

Edith Derdyk investiga todos os recursos da linha no desenho, desde o lápis grafite sobre papel até fios de plástico ou fibra orgânica encapsulados por finas camadas de papel japonês e pela transparência da cola vinílica. Com sua série de "suturas" e tripas de plástico costurado, ela se apropria do espaço ... sua volta, seja em salas convencionais de exposição, seja em jardins, praças ou calçadas, em cidades como Madison, nos Estados Unidos (1994), Nuremberg, na Alemanha (1995), e São Paulo, onde reside. Em Porto Alegre, tivemos a oportunidade de conhecer a sua produção na Casa de Cultura Mario Quintana, com a individual *Entrelinhas* (1991) e a coletiva *Linha no Espaço* (1994). Através de um emaranhado de linhas e de uma sucessão de nós, a artista consegue construir abrigos para suas (e também nossas) inquietações a respeito da passagem do tempo. A leitura de seu livro faz lembrar imediatamente algumas passagens de *A Montanha Mágica*, de Thomas Mann.

Linha de Costura foi concebido como uma espécie de colcha de retalhos. As letras formam palavras. O conjunto de palavras constrói frases. Os parágrafos tornam-se panos advindos de momentos distintos, como fragmentos de memória, como estilhaços de um pensamento elaborado entre um extremo e outro do movimento pendular. "Entre a permanência e o instante que me escapa", diz a autora. O livro sublinha a preciosidade do tempo do percurso, e ele se torna visível nos espaços brancos da página, irregulares espaçamentos entre um parágrafo e outro. A teia é, então, construída também com fios transparentes, quase imperceptíveis.

Na literatura, *A Montanha Mágica*, de Thomas Mann, torna-se um excelente exemplo de livro-tecido, costurado, minucioso em descrições para pensar questões relacionadas ao tempo. Expressões como "pois é, o tempo (...)" ou "o tempo voa (...)" o tempo passa", "matar o tempo", "ter tempo" "vencer o tempo", "o tempo ia se arrastando", são quase lugares-comuns de nossa linguagem cotidiana. O romance busca medidas, apresenta o mapa de corte e costura, com linhas curvas e retas, de cores diferentes, pontilhadas, espessas ou finas em seu traçado. Os códigos são prescritos e as regras parecem não mudar à medida que o jogo se desenvolve. Busca-se um conceito de tempo.

A costura faz parte dos procedimentos utilizados por Edith Derdyk. E através das perfurações realizadas pela agulha que ocorre a passagem dos mais diversos fios. Esses ora desenham, contrastando a linha com o seu "pano de fundo", ora amarram o desenho, unindo as superfícies, transformando o vasto terreno da bidimensionalidade em estreitos caminhos no espaço da sua exposição.

Edith Derdyk não está sozinha em suas reflexões. Muitos são os artistas que se dedicaram a reescrever o tempo, a entendê-lo por meio de uma prática, como, o conhecido exemplo de Roman Opalka, que decidiu, a partir de 1965, contar o tempo até o infinito, isto é, até o último minuto de sua vida. Desde então, e até hoje, esse artista "desenha" uma única obra, intitulada *De 1965 ao Infinito*. Cada tela de pintura sua, ou cada desenho a nanquim, recebe o título de "detalhe" que poderíamos ler enquanto "fragmento de tempo". Cada uma dessas superfícies, com uma medida padrão, não faz mais do que transcrever a contagem seqüencial nos segundos que passam: 1,2,3,4,5,6,7,8,9... O tempo também foi assunto durante longos anos. Um dos exemplos mais preciosos para o que queremos evocar, a sua série de pinturas da *Montanha de Saint-Victoire*. Onde se pensa em imobilidade, vê-se, no entanto, algo da ordem da instabilidade. A partir da repetição de um tema, chega-se a prova de que nem sempre o tempo está suspenso quando representado o objeto na pintura. A *Montanha* é a montanha mais as tonalidades de luzes que nela incidem. A *Montanha*, a montanha adicionando as características climáticas de um dia específico.

Montanha, o acidente geográfico acrescido de todos os incidentes vividos pelo homem que a observa, e que a representa, buscando uma materialidade visível. A *Montanha*, um motivo enquanto tema, e um pretexto enquanto pintura

A *Montaigne de Sainte Victoire*, de Cézanne, traz em si todas as relações possíveis entre a pintura (a arte), a repetição necessária (tempo/ritmo/vazios/silêncios) e os espaços da impossibilidade de representação de um instante, a partir de um único ponto de vista.

Com *Linha de Costura*, Edith Derdyk oferece-nos muito mais do que um depoimento pessoal. Ela não faz nenhum esforço em tentar "explicar" a sua produção. Temos, nesse texto, algo que vai além de uma narração. Trata-se de um trabalho compulsivo, onde a paciência e a insistência aliam-se em prol de uma criação. Resposta de um tempo vivido, experimentado, incluindo as zonas de sono, de silêncio (o resguardo de espaços brancos tem sua boa medida), de devaneio, de desalinho. Como diria Gilbert Lascault, esta, uma escrita ondulosa, onde os desvios e os contornos traçados pelas letras, normatizadas, reagrupadas em palavras e frases horizontais, nos lançam em um abismo vertical aquele que vai nos apontar a nossa justa medida. Os espaços vazios acabam por mostrar-nos a sutileza de um cotidiano que nos envolve a todos. Agora, Edith quer costurar o ar!